

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

XI BRASA

De 06 a 08 de setembro de 2012

UNIVERSITY OF ILLINOIS
URBANA-CHAMPAIGN

Mesa-Redonda: *THE POETICS OF AGING*.

"A mulher madura na moldura do tempo: Júlia Lopes de Almeida e Affonso Romano de Santana".

"Teu marido morreu fora de tempo; ele deveria ter praticado esse ato de distração dez anos antes ou dez anos depois.(...) naquele tempo eu não pensava porque estava sucumbida: a minha idade!

Era por isso que os olhos [da minha mãe] se entristeciam; via brilharem os meus primeiros fios de cabelo branco".

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *ELES e ELAS*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1910. p. 165.

"A mulher madura é assim: tem algo de orquídea que brota exclusiva de um tronco, inteira".

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *A MULHER MADURA*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 09.

O tema central da mesa-redonda, "*A poética do envelhecimento*", abre-nos a oportunidade de, em investigação literária incipiente acerca dos significados do envelhecimento feminino na sociedade brasileira, burguesa, branca, escolarizada, fim secular, refletir sobre temática tão palpitante como esta. O ensaio que apresentamos intitula-se: "*A mulher madura na moldura do tempo: Júlia Lopes de Almeida e Affonso Romano de Santana*". Ele parte da singularidade que o medo da velhice impõe às mulheres há séculos, temor este que evidencia-se de várias maneiras, sendo o mais corriqueiro deles o disfarce feminino sempre que precisa declinar a idade, particularmente, após os 30 anos. Há, portanto, múltiplos fatores e significados que envolvem o envelhecimento feminino na sociedade brasileira, mas nosso enfoque vai deter-se na mulher brasileira fim secular, ou seja, a brasileira oitocentista e a contemporânea, oriunda do século próximo passado, o século XX.

Nosso recorte para a seleção do *corpus* em análise considerou as mudanças políticas e sociais atreladas a emancipação feminina com o acesso das mulheres à instrução em todos os níveis. Conseqüentemente, ao compararmos temos de admitir que houve mudanças profundas na condição feminina referentes àquelas existentes no início e no apagar das luzes do século XX. Com as transformações históricas acontecendo no

universo feminino e na sociedade brasileira em geral, a concepção acerca dos significados do envelhecimento feminino vem se modificando ao longo dos tempos. Acrescente ainda o crescente acesso das mulheres de classe alta, brancas e escolarizadas as novas tecnologias estéticas para o rejuvenescimento e o embelezamento do corpo, todas voltadas para um suposto prolongamento da juventude do corpo e da estética corporal, de mãos dadas com os avanços da cosmetologia, amplamente consumidos e divulgados em diferentes mídias.

No intuito de polemizar a questão, mais do que trazer respostas pontuais acerca dos significados do envelhecimento feminino na sociedade brasileira, selecionamos duas crônicas: “*Nessa mesma tarde...*” da escritora carioca Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) e *A mulher madura*, do poeta e escritor carioca contemporâneo, Affonso Romano de Sant’Anna. Ambas as crônicas podem ser consideradas percepções do envelhecimento feminino na sociedade carioca burguesa, escolarizada, branca, em uma dada época e, portanto, representativas do envelhecimento feminino enquanto um processo que contextualiza os valores e as convenções sociais e culturais em uma época marcada da sociedade carioca, respectivamente 1910 e 1985, datas referentes a publicação de ambas as crônicas em jornais cariocas.

“*Nessa mesma tarde...*” foi publicada na coletânea *ELES e ELAS*, 1910, no ardor das reformas urbanas e sanitárias postas em ação pelo então prefeito Pereira Passos, e desencadeadas no início do século XX, na cidade do Rio de Janeiro, por ocasião das políticas de modernização adotadas pela República brasileira deflagrada em 1898.

Na esteira das reformas implementadas na República brasileira finissecular, vieram outras reformas não menos revolucionárias como, a da família, a dos costumes, a dos valores, atreladas as aspirações embrionárias acerca da emancipação da mulher brasileira. As mulheres da elite carioca, desejosas que estavam pela emancipação, a exemplo do que já acontecia nos EUA e em alguns países europeus como a França, particularmente na cidade de Paris, disfarçavam um discurso emancipatório transvestido dos “cuidados maternos”. Isto é, elas alegavam que, o trabalho e a educação feminina eram necessários para alavancar a boa educação dos filhos, assim como garantir o progresso da pátria. Foi com esse discurso conciliatório entre os ideais da família burguesa patriarcal e o desejo emancipatório das mulheres brancas, burguesas e escolarizadas que as narrativas de Júlia Lopes de Almeida se tornaram o modelo da literatura de autoria feminina referendado pelo poder do patriarcado.

No bojo afirmativo da crescente presença da mulher brasileira na sociedade ao apagar do século XIX, encontramos as brasileiras brancas, burguesas, escolarizadas atuando na imprensa jornalística. As mulheres-escritoras desenvolviam intensa atividade literária em colunas de jornais de prestígio nacional a exemplo de **O País** (1884-1934) que teve por redator-chefe, Ruy Barbosa, logo substituído por Quintino Bocaiuva que o dirigiu até 1901.

O País foi o jornal mais combativo no país tanto nos anos que antecederam a República quanto durante esta.¹ Júlia Lopes de Almeida uma das escritoras de maior prestígio nacional nos oitocentos, trabalhou neste jornal mantendo uma coluna literária, “*Dois Dedos de Prosa*”, por quase 30 anos. A imprensa brasileira, todavia, foi um espaço de atuação feminina mais vigoroso a partir da segunda metade do século XIX, como bem registra Brito Broca ao afirmar: “Quando Júlia Lopes de Almeida entrou a escrever nos jornais, por volta de 1885, encontrou ainda forte barreira de preconceitos

¹ DICIONÁRIO histórico biográfico brasileiro: 1930-1983. Equipe do centro de pesquisa e documentação de história contemporânea do Brasil. [sob a] Coordenação de Israel Belock e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro. Ed. Forense Universitária: FGV/CPDOC: Financiadora de Estudos e Projetos - FINEP, 1984. 3.º Volume. pp. 2475-2476.

contra as mulheres escritoras que tinham tido como pioneira, no século passado, Corina Coaraci”. (2004, p.326)²

As escritoras brasileiras oitocentistas alimentavam suas colunas jornalísticas escrevendo com regularidade sobre: moda, etiqueta, comer bem, prendas domésticas, conselhos as leitoras, crônicas e/ou narrativas folhetinescas que, depois de aprovadas pelo fiel público leitor, quase sempre, se transformavam em romances que, em parceria com os escritores cronistas, ajudaram, sobremaneira, a inserir na literatura brasileira oitocentista um viés jornalístico, característica ainda apreciada na atualidade como textos seminais sobre a formação da identidade literária brasileira. Cotejando BUITONI referendamos o posto acima: “(...) a imprensa feminina nasceu sob o signo da literatura, logo depois acompanhada pelo da moda”. (1986, p. 22)³

A crônica “*Nessa mesma tarde...*” faz parte da história feminina na imprensa brasileira nos oitocentos. Ela, a crônica em apreço, foi inicialmente publicada na coluna de Júlia Lopes de Almeida, “*Dois Dedos de Prosa*”, no jornal *O País*, fazia parte de uma estratégia de resistência de Almeida para fazer frente à luta desencadeada pelos cronistas oitocentistas que detratavam, em seus ensaios jornalísticos, as brasileiras que lutavam pela emancipação feminina entre os séculos XIX e XX.⁴

Antes de ser publicado em livro “*Nessa mesma tarde...*” fez parte de um conjunto de crônicas jornalísticas bem-humoradas, publicadas em blocos temáticos distintos, intitulados: “Reflexões de um marido”, “Reflexões de uma esposa” e “Reflexões de uma viúva”, editadas de acordo com os temas abordados. “*Nessa mesma tarde...*” pertencia ao grupo temático, “Reflexões de uma viúva”.

“*Nessa mesma tarde...*” divide com os leitores oitocentistas e com os contemporâneos as reflexões da protagonista, Judith, uma mulher de meia-idade, 40 anos, que enviúva. No sofrimento da viúva pela perda recente do marido, ela foi surpreendida, nessa mesma tarde, por um comentário inoportuno e incompreensível da mãe acerca do falecimento do genro: “Teu marido morreu fora de tempo; ele deveria ter praticado esse ato de distração dez anos antes ou dez anos depois” (ALMEIDA, 1910, p. 163)⁵.

A concepção dominante nos oitocentos estabelecia, segundo as reflexões da viúva, que, aos 40 anos a mulher entrava na velhice, essa idade era a marca externa do envelhecimento feminino. Judith, protagonista e narradora das reflexões de uma viúva nos oitocentos, sentia-se, todavia, no ardor da idade, contrariando portanto a concepção socialmente aceita à época acerca do início do envelhecimento feminino. Judith sabia que tinha forças suficientes para viver a vida, mas, sentia-se também iniciando o climatério, ou seja, “ (...) apaziguada a dor da viuvez a vida [de Judith] recomeça com maiores exigências” (ALMEIDA, 1910, p.166), ela estava na transição dos anos por virem, a sua existência oscilava entre dois mundos, conforme relata com melancolia e lamento: “Vivi sempre atada ao preconceito, (...) é talvez por isso que me deixo devorar (...) no ardor dos quarenta (...)” (ALMEIDA, 1910, p. 167).

“*Nessa mesma tarde...*”, caracteriza-se pela brevidade do narrado brincando com o tempo, tanto o presente como o tempo pretérito, ou seja, 40 anos, segundo Judith, “ (...) não são mais do que duas vezes vinte anos!”. A presença do tempo como uma realidade inexorável, palpável e circular atravessa a narrativa através da voz bem-

² BRITO BROCA. *A vida literária no Brasil – 1900*. 1ª. Ed. 1956. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004. p. 326.

³ BUITONI, Dulcília S. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Editora Ática, 1986. p. 22.

⁴ SOIHET, Raquel. *O sexo difamado*. NOSSA HISTÓRIA. Ano I/ nº 3, janeiro 2004. pp. 14-20.

⁵ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Nessa mesma tarde ...* IN: *Eles e Elas*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1910.

humorada de quem a narra, a protagonista, Judith. Ela enviuvou aos 40 anos, ficou sem filhos, às portas do envelhecimento. Estes fatos são os elementos fundantes da viuvez de Judith, da queixa de sua mãe inconformada com a morte fora de tempo de genro, e, ainda pela percepção bem-humorada de Judith que percebe: “ (...) os casamentos deveriam ser feitos por contrato temporário, [pois] se ela tivesse casado nessas condições não teria vivido com o [finado] marido dezesseis anos e oito meses”. (ALMEIDA, 1910, p. 166). Conseqüentemente, poderia estar acompanhada “ na estação dos clarões crepusculares, em que ela arderá como uma pluma numa chama fingindo-se forte e insensível (...)” (ALMEIDA, 1910, p. 166).

O tempo narrativo, portanto, é relevante, entre outros aspectos, porque reforça não só a representação temporal do envelhecimento feminino, mas também o da existência humana como um bem caro que deve ser protegido das marcas da convenção. Ou seja, o tempo da narrativa vai sendo construído a partir da ligação deste a outros elementos presentes no discurso literário a exemplo do próprio título da crônica, “*Nessa mesma tarde...*”. O tempo cronológico também se faz presente na escolha das palavras como no substantivo ‘tarde’ que remete o leitor a associações temporais de um tempo intermediário entre dois momentos, o amanhecer sugerindo o início, e o anoitecer sinalizando para o fim, o término, estabelecendo entre ambos uma tensão simbólica entre o início da vida e o término desta, a morte, opondo portanto: o tempo para viver ao tempo para morrer. Usando um recurso simbólico o discurso narrativo em “*Nessa mesma tarde...*”, suscita o enfrentamento inexorável do envelhecimento humano partindo do particular, do feminino, para o geral, pois este expande-se à condição de todos nós, os seres vivos, independentemente do sexo, da condição e da classe social.

A *mulher madura*, 1986, do poeta e escritor mineiro, contemporâneo, Affonso Romano de Sant’Anna, foi publicada em coletânea com título análogo à crônica. Ela insere-se em um outro momento estético e histórico bem diferente daquele apresentado na crônica de Júlia Lopes. A mulher madura descrita no final da década de 80, ao apagar do século XX, é outra, bem distante da viúva chorosa almeidiana. A mulher madura dos anos 80 é emblemática da brasileira emancipada e valorizada pelo tempo vivido, ela tem o privilégio de ser poetizada “na idade dos clarões e dos fogachos”, ela ultrapassou o contexto sócio-histórico e cultural no qual transcorreram as reflexões de Judith narradas na coletânea, *ELES e ELAS* de 1910.

Em “*Nessa mesma tarde...*” a estória é narrada na 1ª. pessoa do singular, tendo por traço importante o monólogo interior. A protagonista almeidiana acumula funções, isto é, ela é protagonista e narradora, sujeito e objeto da sua estória, uma estória acerca do próprio envelhecimento sinalizado pelo olhar do outro, o olhar cuidadoso da própria mãe. A *mulher madura*⁶ dos anos 80 também é narrada em 1ª. pessoa, mas, diferentemente da mulher almeidiana, ela é narrada por um outro olhar, distanciado dela enquanto sujeito sensorial ativo, “O rosto da mulher madura entrou na moldura de meus olhos. (...) a surpreendo num banco (...) outras vezes ela passa por mim na rua entre os camelôs. Vezes outras a entrevejo no espelho de uma joalheria” (DE Sant’Ana, 1986, p. 09). A mulher madura do poeta testemunha tem o lugar privilegiado das musas, não o da mulher mortal, razão pela qual ela não tem um nome que seja seu, como o de Judith, diferentemente, ela é chamada por um nome genérico de, “mulher madura”. Embora haja o artigo definido “A” antecedendo o nome mulher madura, ele está reduzido a um simples substantivo comum adjetivado, madura, simbolizando desse modo um coletivo, o das mulheres maduras, classe alta. Nossa interpretação tem amparo tanto nas imagens extremamente poéticas criadas ao definir essa mulher madura, a exemplo das

⁶ DE Sant’Ana, Affonso Romano. A mulher madura. IN: *A mulher madura*. Rio de Janeiro: Roco, 1986.

comparações feitas: “ A mulher madura, com seu rosto denso, esculpido como o de uma atriz grega, tem qualquer coisa de Melina Mercouri ou de Anouke Aimé” (DE Sant’Ana, 1986, p.09), como também através da afirmação textual na qual o narrador confessa: “Sei que falo de uma certa mulher madura localizada numa classe social, (...). A maturidade também vem à mulher pobre, mas vem com tal violência que o verde se perverte e sobre os casebres e corpos tudo de reveste de uma marrom tristeza” (DE Sant’Ana, 1986, p. 10). Esta afirmação nos leva a inferir que, o envelhecimento feminino não tem nem o mesmo significado, nem a mesma importância, nem o mesmo valor para as brasileiras indiscriminadamente, isto é, ele advém da classe ocupada pela mulher brasileira. Ao fazer tal afirmação busco, nas considerações de Marina Colasanti, respaldo à questão posta:

Envelhecer é, dentro da nossa sociedade, [a brasileira] um problema estritamente ligado à classe social. A faxineira do subúrbio, com filhos a sustentar, marido a cuidar, mal e mal equilibrada na corda bamba que se estende entre seu orçamento e as despesas, dificilmente terá condições de preocupar-se com as rugas que marcam seu rosto. E mesmo que chegue a ter essa preocupação, está virtualmente impedida de repará-las, ou sequer de sonhar com plástica. Ao mesmo tempo, não está sendo compelida pelo meio, pois todas as mulheres que a rodeiam estão na mesma situação. O envelhecimento torna a adquirir então, por questões econômicas, a característica natural que tinha no início das coisas. (1980, p. 184)⁷

A mulher madura dos anos 80, ao apagar do século XX, é cantada em prosa poética destacando suas maneiras gentis, o aprendizado empreendido ao longo da existência e evidenciando partes do seu corpo, como: “ o rosto denso esculpido como o de uma atriz grega; os gestos tem algo semelhantes ao repouso da garça sobre o lago; os olhos não violam as coisas, mas as envolvem ternamente; a boca da mulher madura tem uma indizível sabedoria; as mãos são líricas; o corpo da mulher madura, é um corpo que já tem história (...) ele conhece seus mecanismos, apalpa suas mensagens, decodifica as ameaças numa intimidade respeitosa; a mulher madura é um ser luminoso e repousante (...) pronta para quem a souber amar. Acredito que o narrador testemunha da mulher madura contemporânea consegue fazer com que o poético funcione como um deslocamento lúdico sutil entre a experiência subjetiva e a realidade objetiva da velhice que passa a ser irrealizável, valorizando os ganhos e as perdas do feminino no processo doloroso, porém inevitável do envelhecimento ao qual estamos destinados quando temos longevidade em abundância.
MUITO obrigada.

⁷ COLASANTI, Marina. Rio de Janeiro: Nórdica, 1980.